

O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE OS ESPAÇOS VIVENCIADOS POR ALUNOS E O PROCESSO DE ENSINO

Daniel Syllas Pereira Sousa*; Marcelo Bezerra de Morais**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; *breakthru_54@hotmail.com; **morais.mbm@gmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo Estado do Conhecimento, com objetivos de um estudo descritivo, realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES entre maio e junho de 2018. A pesquisa teve como objetivo realizar um levantamento dos trabalhos de pós-graduação publicados no banco de dados da CAPES, que abordam a temática dos espaços vivenciados pelos alunos em seu processo de formação subjetiva e suas relações com o processo de ensino. Para selecionar os trabalhos e analisar o corpus da pesquisa, foram definidos dois descritores: “construção da subjetividade e ensino” e “formação da subjetividade e espaço”, os quais seguiram padrões de uma pesquisa booleana. Os resultados não apresentaram uma grande quantidade de trabalhos e, após filtrar para a área de ciências humanas/educação ou ensino, as quantidades diminuíam consideravelmente; a seleção dessas publicações foi feita primeiramente pelo título e depois pela leitura dos resumos. Foi constatado que muitos trabalhos encontrados são anteriores à Plataforma Sucupira, e o número de dissertações nessa busca são maiores do que as teses. A partir da disponibilidade do material na plataforma e das análises iniciais, constituímos um corpus de 4 trabalhos, que foram analisados em sua íntegra. Foi observado que há trabalhos que relacionam às espacialidades a produção da subjetividade dos sujeitos e também relacionam essas vivências espaciais ao ensino, contudo, essa produção é muito incipiente e não há, aparentemente, uma articulação de continuidade na pós-graduação no país, além de boa parte dessa produção não ser recente.

Palavras-chave: formação subjetiva, subjetividade, espaços, ensino.

INTRODUÇÃO

Os espaços são parte dos sujeitos, assim como os sujeitos são transformadores desses espaços. Os ambientes construídos pelos sujeitos também são partes das experiências vivenciadas no processo da evolução humana. Assumem, a partir daí, uma relação de identidade e de posse, expressa por uma devoção e apego por todas as coisas que fazem parte desse enlace, tanto as coisas materiais, como as abstratas, simbólicas.

O processo de globalização abriu portas para uma nova fase da sociedade que, aos poucos, minimiza suas particularidades locais e assume cada vez mais características globais. Ou seja, os modelos globais de vida tornam-se padrões para as sociedades e ganham expressividade sobre os modelos locais. Novas visões e conceitos são dados aos espaços consubstanciados pelos sujeitos sociais, nos quais são visualizados em proporções ilimitadas, onde o local e o global se integram em um processo osmótico de disseminação de toda a produção humana.

A formação do sujeito parece receber influências de características globais, e, aparentemente, não é mais determinada apenas pela marca de um lugar específico. Agora, assume aspectos de uma constituição planetária, com ideias e concepções múltiplas e

variadas, desatada de uma identidade local, sem definições firmes e únicas para a formação da sua subjetividade. Contudo, essas vivências sociais e espaciais locais influenciam diretamente no processo de formação dos sujeitos e suas subjetividades (MORAIS, 2017; MARTINS-SALANDIM, 2007; TANUS, 2002)

No processo educacional, essa formação do sujeito torna-se potencialmente evidente, pois na escola há uma grande diversidade de espaços carregados pelos seus alunos, professores e demais sujeitos escolares que trazem consigo suas subjetividades constituídas também com esses espaços e no decorrer da história de vida de cada um. Porém, corriqueiramente, essas particularidades não assumem uma posição proeminente no processo de ensino, como também, em muitas ocasiões, não são visualizadas com a devida relevância para a aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, a formação dos sujeitos sociais, assim como a sua subjetividade estão intimamente relacionadas aos diversos espaços por eles vivenciados. As relações entre todos os indivíduos, seus comportamentos, suas características, suas formas de pensar e agir no mundo, produzem características próprias em cada sujeito e em cada espaço.

Na tentativa de compreender a formação subjetiva dos sujeitos em suas relações com os múltiplos processos de ensino no âmbito escolar, percebemos nos espaços parte de seu alicerce, como estrutura que reforça o seu âmago e sua sociabilidade, no limite, sua existencialidade.

Portanto, nosso objetivo com esta pesquisa é realizar um levantamento do acervo de trabalhos em nível de pós-graduação, como teses e dissertações, publicadas nos bancos de dados da CAPES, que enfatizam a relação dos espaços vivenciados na formação subjetiva dos alunos no processo de ensino.

A importância deste estudo apresenta-se em visualizar as publicações de trabalhos que envolvam o ser humano em seu processo vital na atualidade, assim como suas singularidades em seus espaços de vivências, traduzidas em sua constituição enquanto sujeito que se emociona, que interage, que aprende, que sorri e chora, que apresenta em suas ações e comportamentos as loucuras e as razões de seus atos, suas angústias, alegrias e tristezas produzidas pelos sucessos e fardos da vida.

Desta percepção, advogamos que esta pesquisa pode dar início a uma série de reflexões e produções sobre os alunos envolvidos no processo de ensino como indivíduos que possuem particularidades muito específicas nas sociedades, assim como a afirmação da diversidade cultural presente nos espaços escolares.

FORMAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO ESCOLAR: A PRESENÇA DOS ESPAÇOS VIVENCIADOS PELOS ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO

O choque de culturas que a escola absorveu tornou seu espaço cada vez mais complexo, onde a forma pela qual seus atores reinterpretaram e se utilizaram de modelos culturais impostos e em circulação no atual momento das tecnologias de comunicação e informação, fizeram dela um ambiente de múltiplas facetas sociais, de ideologias e discursos carregados de trajetórias de vidas.

O processo de ensino na escola está intimamente ligado às mudanças ocorridas em um contexto social e cultural de proporções tanto locais quanto globais. A escola compreende-se em um espaço dentro de vários outros espaços de um macrossistema, imbricando-se constantemente com microssistemas ao seu redor. Tais interações entre escola e educandos, e entre os próprios educandos, provocam rupturas nas marcas que esses sujeitos carregam como singularidades. Essas interações acabam por impregnar em sua constituição novas estruturas subjetivas que traçam outras características em sua formação.

Diante desse contexto em que a escola está inserida, os espaços vivenciados pelos alunos trazem características marcantes para a sua formação subjetiva, assim como os espaços também estão presentes em seus processos de ensino.

Fica evidente que os espaços como tratado aqui até agora apresentam peculiaridades de um conceito irresoluto. As construções conceituais, em sua maior parte, trazem sempre as mesmas perspectivas: espaço estático, fixo, imóvel, superfície, extensão territorial.

A partir das tramas da globalização, de pensar as relações sociais em um universo global, a política do lugar e todo o envolvimento do ser humano com os outros e com a natureza, Massey (2008) apresenta uma nova perspectiva sobre o espaço.

Nessa conjuntura, a noção que era divulgada de espaço já não correspondia à visão atual do que vinha sendo representado; a coexistência contemporânea marcada pela multiplicidade e os novos eventos globais de relações políticas, econômicas e culturais demandavam a produção de um pensamento diferente sobre os espaços.

No seu livro *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade* (2008), a autora traz o desafio de argumentar sobre o *locus* no que posiciona o seu discurso: “o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes” (p. 15).

Segundo Massey (2008), o modo como pensamos o espaço afeta o modo como entendemos a globalização, como visualizamos o mundo, como compreendemos as atitudes frente aos outros e nossa política, assim como abordamos as cidades e os sentidos de lugar.

Percebemos, no sentido defendido pela autora, que o espaço não é algo fixo, estático, imobilizado; carrega consigo as trajetórias vivenciadas por um povo, transmitindo a experiência concebida e seus efeitos sociais e políticos. É esse espaço que apresento como definição para a proposta desse tema, é nele que invoco as respostas para as formações subjetivas dos alunos no processo de ensino. O espaço, quando compreendido como estático, torna mais difícil visualizar a vida e a produção de um povo.

Dessa forma, a autora apresenta três proposições iniciais que nos apontam a sua compreensão sobre o espaço.

Reconhecemos o espaço como produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno (...). Compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se o espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. Reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. (MASSEY, 2008, p. 29)

O espaço como a autora delinea acima nos transmite algo muito mais integrado às vidas e aos percursos vividos nos lugares. É uma relação viva e constante, de trocas e vivências mútuas. Podemos entender o espaço, segundo Massey (2008, p. 9), “como uma imbricação de trajetórias, sempre aberto ao inesperado, ao acaso, e que, enquanto *lócus* da coexistência contemporânea, é marcado pela multiplicidade”.

Nesse sentido, o espaço, como proposto pela autora, carrega também as marcas das subjetividades dos sujeitos sociais. Tem-se aí uma relação complexa, não só da constituição dos sujeitos, mas das relações políticas, econômicas e culturais vivenciadas por eles.

Pensando sobre essa perspectiva, os espaços não são apenas os *lócus* dos sujeitos, são parcelas constituintes para as formações de suas subjetividades, que são sempre singulares. É nesse percurso imaginado enquanto proposta de análise que Guattari e Rolnik (1996) contribuem para esta temática com a ideia sobre a subjetividade.

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquímicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim, sistemas não antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal

(sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 31)

Como podemos apontar a partir dessa compreensão de Guattari e Rolnik (1996), a formação da subjetividade dos alunos não se dá apenas em um dado espaço e com determinados sujeitos, mas carrega dele diversas formações que se interligam com a de outros espaços e sujeitos para a integração de um ser que é, ao mesmo tempo, intrapessoal e extrapessoal. A formação subjetiva dos alunos, nesse sentido, interligado ao espaço abordado nesse tema, se estabelece através de uma intercomunicação entre pontos, entre espaços, entre sujeitos, na conjunção de alianças e conexões, sem início e sem fim, sempre no meio. Dessa maneira, e da perspectiva de espaço que temos compreendido com Massey, podemos compreender a ideia de formação como um processo contínuo, como defendido por Morais (2017) e tal como o conceito de rizoma como elaborado por Deleuze e Guattari (2000),

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.36)

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.14) Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 17)

Da ideia apresentada pelos autores acima, afirmamos que os espaços e a produção da subjetividade se imbricam constantemente, estão intimamente interligados em um processo contíguo de constituição.

Portanto, assim como a subjetivação ocorre nos e altera os espaços, as relações produzidas nesses espaços estarão imbricadas por eles, alterando, de um ou outro modo, as formações subjetivas desses sujeitos.

Michel Foucault (2007) também nos aponta a sua valiosa contribuição possibilitando refletir sobre os espaços e a materialização do poder em suas relações que, de certo modo, influenciam os processos de ensino e, conseqüentemente, a produção da subjetivação dos alunos.

Um ensino coletivo dado simultaneamente a todos os alunos implica uma distribuição espacial. A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. E a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório (...) A disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento (...) A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme à regra. E preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. (FOUCAULT, 2007, p. 60).

Para Foucault (2007), o poder não é dado, não é objeto de posse, ao contrário, é exercido nas relações entre os sujeitos. Fica perceptível, no trecho acima, que o espaço assume uma condição de mirante para a prática do poder, da disciplinarização dos sujeitos. No espaço consubstanciado no processo de ensino, o poder se expressa em diversas relações e de diversas formas, influenciando nas formações subjetivas dos alunos.

A temática apresentada não se atentará em congregar as singularidades de cada tipo de espaço para as formações subjetivas, nem de classificá-los, mas de buscar neles a sua marca epistêmica inclusa nos alunos e presente no processo de ensino na escola pública. Portanto, o espaço, nessa pesquisa, é objeto central e notório para o desenvolvimento da proposta que propomos.

MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois assume a pretensão de diagnosticar descritivamente os trabalhos, temáticas e métodos que evidenciam as relações entre espaço e ensino, ressaltando a formação dos sujeitos, e compreender como essas temáticas vêm sendo trabalhada na pós-graduação no Brasil.

De acordo com Richardson (2012, p. 79), “o aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativos”. Esta pesquisa pode ser caracterizada como um Estado do Conhecimento, pois produzimos uma sistematização de dados a partir de trabalhos publicados sobre dado tema e apenas no formato de Teses e Dissertações, produzindo nosso *corpus* de análise, corroborando o que defende Romanowski (2006, p. 39),

Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. (...) O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento”.

O estudo parte do princípio de analisar e descrever os trabalhos que enfatizam a relevância dos espaços vivenciados na formação subjetiva dos alunos no processo de ensino,

ou seja, como os espaços vivenciados na formação subjetiva dos alunos estão presentes, ou aparecem, no processo de ensino.

Esta pesquisa pode também, desse modo, ser classificada como descritiva, posto que “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2012, p. 28), ou seja, pretendemos elencar os trabalhos produzidos e descrever seus principais aspectos tecendo, tanto quanto possível, relações entre eles.

Na intenção de produzir e organizar os dados, a pesquisa foi realizada entre os meses de maio e de junho do ano de 2018, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES que disponibiliza trabalhos em níveis de pós-graduação dos cursos de mestrado e doutorado aprovados pelas instituições de ensino e reconhecidos pelas normas legais estabelecidas pelo Ministério da Educação do governo brasileiro.

Foram selecionados os descritores atentando-se para a aproximação que os termos utilizados possivelmente teriam com a perspectiva do estudo que propomos sobre o espaço, o ensino e a formação de subjetividades. Os termos seguiram padrões de uma pesquisa booleana¹, nas quais os descritores foram organizados em duas possibilidades. O 1º descritor: +“*construção da subjetividade*” and +*ensino*; e o 2º descritor: +“*formação da subjetividade*” and +*espaço*.

Após a busca dos trabalhos, o critério inicial de seleção foi a leitura dos títulos dos trabalhos, sendo que somente foram considerados as pesquisas que apresentavam aproximação com a temática proposta. Também foi realizada a leitura dos resumos, de forma a dar mais pertinência às pesquisas. A partir desse movimento, chegamos à quatro trabalhos, aos quais foi necessário nos debruçarmos sobre os textos na íntegra para compreendê-los e traçar relações, atendendo à proposta supracitada.

Vale salientar que três dos quatro trabalhos selecionados eram anteriores à criação da Plataforma Sucupira. A CAPES lançou a Plataforma Sucupira em 27 de março de 2014 para a gestão da pós-graduação oferecida pelas universidades brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As tabelas abaixo apresentam uma melhor visualização da pesquisa, exibindo os passos seguidos e a quantidade de trabalhos expostos pelo banco de dados da CAPES e de acordo

¹ Lógica criada pelo matemático George Boole, as pesquisas booleanas são utilizadas quando se pretende fazer uma busca avançada. Com a Busca Booleana é possível combinar palavras-chave para limitar a pesquisa.

com o descritor utilizado. As quantidades de trabalhos que aparecem nas tabelas foram primeiramente selecionadas pelo título e, posterior a leitura dos resumos, foram selecionadas as referências apontadas nas tabelas.

Tabela 1: Resultado da pesquisa a partir dos descritores construção da subjetividade e ensino

BANCO DE DADOS	Catalogo de Teses e Dissertações da CAPES	
DESCRIPTOR	+“construção da subjetividade” and +ensino	
RESULTADO GERAL	67 trabalhos	TESES: 18 trabalhos
		DISSERTAÇÕES: 44 trabalhos
RESULTADO FILTRADO	1º	GRANDE ÁREA CONHECIMENTOS: CIÊNCIAS HUMANAS 44 trabalhos – 10 Teses e 31 Dissertações
	2º	ÁREA CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO 33 trabalhos – 7 Teses e 23 Dissertações
	3º	ÁREA CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO 27 trabalhos – 7 Teses e 20 Dissertações
REFERÊNCIAS SELECIONADAS		
LINK, Elmer Erico. Espelhos da contemporaneidade e valor do corpo na construção da subjetividade juvenil . 2015. 154 F. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, Rio Grande do Sul, 2015.		
Scoz, Beatriz Judith Lima. Identidade e subjetividade de professoras(es): sentidos do aprender e do ensinar . 2004. 161 F. Tese (Doutorado em Educação – Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. <u>(Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)</u>		

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A pesquisa nos apresentou 27 trabalhos que foram selecionados, por meio da leitura dos resumos de um a um, e somente 2 dos trabalhos apresentavam aproximação com os objetivos estabelecidos para essa busca.

O trabalho de Link (2015), “Espelhos da contemporaneidade e valor do corpo na construção da subjetividade juvenil”, é composto por cinco capítulos e atenta-se para as influências culturais na constituição dos jovens e a visualização do corpo juvenil na contemporaneidade. A valorização que os jovens dão ao corpo na perspectiva do que eles veem como perfeição e a necessidade de serem vistos e pertencerem a um determinado grupo é o tema que o texto aborda. O objetivo desse trabalho foi compreender os sentidos dado ao corpo na constituição dos jovens a partir dos “espelhos sociais”, termo utilizado pelo autor para caracterizar o sujeito, sob o efeito das transformações culturais.

A pesquisa foi realizada com estudantes do ensino médio de uma escola particular em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A metodologia foi pautada na coleta de dados feita através do Google Docs, com jovens que foram chamados para escolher as imagens que representam corpos ideais e não ideais. Depois de catalogados, os dados foram trabalhados por meio da análise de imagens de inspiração semiótica e análise de conteúdo.

Os resultados, segundo o autor, trazem um modelo de cultura centrada na estetização superficial do corpo, onde a imagem do corpo ideal representa a forma de existir e conviver com os outros nos laços sociais. Assim, cabe às escolas preparar e conscientizar os jovens sobre o sentido de alteridade na vida contemporânea.

A intenção da investigação não traz os espaços como foco da pesquisa, no entanto, chamou-nos a atenção o terceiro capítulo do trabalho que discute dois espaços diferentes para a construção da subjetividade dos jovens: a escola e a família, revelando-se estas como “espelhos sociais” na constituição do sujeito. Nesse sentido, a atenção aos espaços fica implícita na investigação de Link (2015).

O texto de Scoz (2004), “Identidade e subjetividade de professoras(es): sentidos do aprender e do ensinar”, visou compreender a construção da subjetividade e da identidade de professores considerando os sentidos produzidos em suas experiências vividas nos diversos espaços por onde ele transita, principalmente na família, na escola, na comunidade e no processo de sua formação.

A metodologia utilizada pela autora foi a técnica vivencial denominada Jogo de Areia. Neste estudo, os sujeitos constroem cenas nas caixas de areia que retratam suas trajetórias de vida e de situações de ensino e aprendizagem.

Como resultados da pesquisa, a partir desse ato simbólico, foi possível produzir momentos reflexivos e de emoções presentes na construção dos cenários que possibilitaram a compreensão dos sentidos que os professores produziam em seus processos de aprender e de ensinar, como também na construção de suas subjetividades e identidades.

O espaço não é visto no trabalho de Scoz (2004) como objeto de estudo, mas revela sua amplitude diante da temática da formação da subjetividade que se imbrica com as trajetórias de vida percorridas pelo professor.

A seguir, a tabela apresenta os resultados encontrados com o segundo descritor escolhido e que pode ser visualizado abaixo.

Tabela 1: Resultado da pesquisa a partir dos descritores formação da subjetividade e espaço

BANCO DE DADOS	Catalogo de Teses e Dissertações da CAPES	
DESCRITOR	+“formação da subjetividade” and +espaço	
RESULTADO GERAL	26 trabalhos	TESES: 8 trabalhos
		DISSERTAÇÕES: 18 trabalhos
RESULTADO FILTRADO	1º	GRANDE ÁREA CONHECIMENTOS: CIÊNCIAS HUMANAS 23 trabalhos – 7 Teses e 16 Dissertações
	2º	ÁREA CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO 12 trabalhos – 4 Teses e 8 Dissertações
REFERÊNCIAS SELECIONADAS		
LOPES, Jader Janer Moreira. Então somos "mudantes": espaço, lugar e territórios de identidade em		

crianças migrantes. 2003. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói 2003. (Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)

VASCONCELLOS, Tânia De. **Criança do lugar e lugar de criança: territorialidades infantis no noroeste fluminense.** 2005. 250 F. TESE (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. (Trabalho anterior à Plataforma Sucupira)

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Os resultados, como mostrado na tabela, apresentam 26 trabalhos no geral, restando 12 trabalhos que foram selecionados por meio da leitura dos resumos de um a um. Somente 2 dos trabalhos que apresentavam aproximação com os objetivos estabelecidos para essa busca forma escolhidos.

A pesquisa de Lopes (2003) “Então somos “mudantes”: espaço, lugar e territórios de identidade em crianças migrantes”, expõe explicitamente o espaço como parte predominante da sua investigação, que traz a situação de crianças integrantes de famílias migrantes e suas concepções de lugar. Lopes (2003) estabelece como objetivo desvelar as concepções de espaço e lugar presentes em crianças que se deslocam, quer seja dentro de uma mesma unidade geográfica ou em diferentes áreas.

Através de um trabalho de campo, ela desenvolve um estudo etnográfico, coletando dados e diversas informações com instrumentos como entrevistas, observações e o uso de diário de campo na sua investigação.

A mudança constante de lugar dessas crianças constitui características representativas na formação de suas identidades. A escola, na pesquisa de Lopes (2003), é um dos ambiente investigado, pois é um espaço que agrega muitas dessas crianças em Juiz de Fora – MG e, segundo a autora, as crianças a viam como uma “pausa nos deslocamentos”, um espaço fixo, um lugar de vivência, uma moradia, um local que passava a ter dado valor.

Os resultados da investigação de Lopes (2003) mostram que as crianças deslocadas carregam consigo suas singularidades e suas identidades, assim como expõem e reconstruem suas representações sobre os diferentes espaços e lugares onde vivem e viveram.

Já o trabalho desenvolvido por Vasconcellos (2005), “Criança do lugar e lugar de criança: territorialidades infantis no noroeste fluminense”, é uma investigação qualitativa, com fontes documentais, memórias e narrativas, que contou com a participação de 120 professores da educação infantil do noroeste fluminense que visavam o estudo da infância e seu espaço como construções culturais e históricas.

Em seu texto fica claro que o espaço é o *locus* essencial na produção da infância, ou seja, espaço e infância são, segundo a autora, “conceitos imbricados” e simultaneamente são

construtores de um lugar. Para Vasconcellos (2005), “toda criança é criança de um local e que, simultaneamente, a ela cabe um lugar na estrutura do grupo social ao qual pertence”. Nesse caso, o espaço está intimamente relacionado à formação das subjetividades dos sujeitos e faz parte integrante de sua vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre os trabalhos que trazem o espaço, de um modo ou outro, como tema norteador na perspectiva aqui proposta permitiu montar um breve mapeamento das publicações encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a partir de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como um Estado do Conhecimento.

Os descritores utilizados para a busca remeteram a um propósito de encontrar publicações que trouxessem a ligação entre os termos explorados e que apresentassem nexos entre o espaço e o ensino, a educação escolar. Constatou-se que o número das publicações em nível de mestrado era maior em doutorado. Vale ressaltar que o quantitativo desses trabalhos, quando filtrados para a área das ciências humanas e depois para a área da educação, diminuía consideravelmente.

Um ponto importante a salientar é que, sendo muitas das publicações selecionadas anteriores à Plataforma Sucupira, apontamos para o fato de que essa produção não é recente, sendo apenas um do ano de 2015, sendo os outros dos anos de 2003, 2004 e 2005.

Os trabalhos encontrados nessa pesquisa, apesar de serem apresentados em uma pequena quantidade e não estarem conectados com nossa intenção de pesquisa, trazem as formações das subjetividades dos sujeitos relacionadas aos espaços vivenciados por eles.

A partir das análises realizadas, foi possível conhecer as produções que se aproximam ou não da intenção do trabalho de pesquisa que nos atemos a desenvolver, na qual os espaços vivenciados pelos alunos carregam suas influências para a formação das subjetividades no processo de ensino, ou seja, buscamos a presença dos espaços vivenciados pelos alunos no processo de ensino.

Foi observado que, além da pouca produção com essa temática, a abordagem dos espaços na perspectiva de estudo que propomos não apresenta ainda nenhuma produção e discussão em nível de pós-graduação no país. A produção de trabalhos que levem essas temáticas dos espaços como objeto principal de estudo contém ainda muitos temas latentes.

REFERÊNCIAS

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Serviços: Banco de teses. 2018. Disponível em: <http://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre.html>. Acesso em: maio/junho/2018.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Serviços: Banco de teses. 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6810-capes-lanca-plataforma-sucupira-para-gestao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 25/06/2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O liso e o estriado. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 24ª ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. 432p.

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhe. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. cap.1 Terceira Parte.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. subjetividade e história. In: GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1996. P. 25-126.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e marginalidade**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAIS, M. B. **Se um viajante... Percursos e Histórias sobre a formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2017.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P. 117-128.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>>. Acesso em: 06 fev. 2018

TANUS, M. I. J. **Mundividências: histórias de vidas de migrantes professores**. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002.